



O PAPEL DO RÁDIO NA VIDA DOS ANALFABETOS PINHALENSES

Rizzati Eduardo¹

FRANKE Rosiane²

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo principal compreender a importância do rádio para os ouvintes não alfabetizados no município de Pinhal de São Bento. Para atingir esse objetivo, busca-se demonstrar como o rádio pode contribuir para o processo de ensino daqueles que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola. Os objetivos específicos incluem a análise da percepção dos não alfabetizados em relação ao cotidiano, considerando as informações recebidas via rádio, a identificação das áreas em que o rádio atua como um formador educacional mais proeminente e a compreensão da linguagem utilizada no rádio e como ela se adapta aos ouvintes. Este estudo visa contribuir para a compreensão da importância do rádio como uma ferramenta educacional e comunicativa inclusiva, especialmente em contextos onde o analfabetismo funcional e a desigualdade de acesso à educação ainda persistem como desafios sociais significativos.

Palavras chave: Rádio; Analfabetos; Educação.

ABSTRACT: This work's main objective is to understand the importance of radio for illiterate listeners in the municipality of Pinhal de São Bento. To achieve this objective, we seek to demonstrate how radio can contribute to the teaching process of those who did not have the opportunity to attend school. Specific objectives include analyzing the perception of non-literate people in relation to everyday life, considering information received via radio, identifying areas in which radio acts as a more prominent educational trainer, and understanding the language used on radio and how it is adapts to listeners. This study aims to contribute to the understanding of the importance of radio as an inclusive educational and communicative tool, especially in contexts where functional illiteracy and inequality of access to education still persist as significant social challenges.

Keywords: Radio; Illiterate; Education.

1 INTRODUÇÃO

¹ Acadêmico do curso de Letras da Famper. Email: rosianefranke@hotmail.com

² Professora do curso de Letras da Famper. Email: eduardobrizzatti@gmail.com

Ao longo dos séculos, a comunicação instantânea desempenhou um papel fundamental na transformação do mundo, aproximando distâncias, encurtando tempos e permitindo que informações e ideias cruzassem fronteiras. Nesse cenário de revolução tecnológica comunicativa, o rádio emergiu como um aliado poderoso no século XX e permanece relevante na contemporaneidade. A radiodifusão se estabeleceu como um instrumento essencial de informação e comunicação, oferecendo uma janela de acesso à educação e cultura para aqueles que, de outra forma, poderiam ser deixados à margem da sociedade.

O problema da educação no Brasil é complexo onde pode-se explicar por várias vertentes. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) Contínua Educação de 2019, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país abriga cerca de 11 milhões de analfabetos, indivíduos que não possuem a habilidade de ler e escrever. Além disso, aproximadamente 29% da população brasileira é classificada como analfabeta funcional, ou seja, consegue ler, mas enfrenta dificuldades significativas em compreender o que leem. Possuir o acesso à informação, mas não ter a capacidade de decodificá-la e compreendê-la pode representar uma barreira oculta na busca da plena cidadania.

Nesse contexto, surge a questão central deste estudo: "O rádio no Brasil tem servido como recurso educativo para os não alfabetizados? Qual é a importância do rádio para a população não alfabetizada no município de Pinhal de São Bento, no estado do Paraná?"

Além disso, o Brasil enfrenta desigualdades sociais persistentes, o que limita o acesso de muitas pessoas aos recursos tecnológicos contemporâneos e à educação formal. Muitos indivíduos não possuem os meios financeiros para adquirir tecnologia e enfrentam desafios consideráveis ao tentar retornar à escola.

Nesse contexto, o rádio emerge como um meio de comunicação que pode servir como um facilitador educacional. Sua capacidade de alcançar locais remotos e comunidades marginalizadas, juntamente com sua acessibilidade e facilidade de uso, o tornam um veículo de informação e educação eficaz para aqueles que não tiveram a oportunidade de obter uma educação formal completa. As estações de rádio oferecem programações diversificados, abrangendo tópicos variados e servindo a diferentes

objetivos, desde notícias até entretenimento e formação de opinião. Muitos programas interagem com os ouvintes, criando uma dinâmica de "sala de aula ao vivo". Portanto, é fundamental compreender o papel do rádio como um integrador da sociedade, atendendo tanto à população alfabetizada quanto à não alfabetizada.

Este trabalho tem como objetivo principal compreender a importância do rádio para os ouvintes não alfabetizados no município de Pinhal de São Bento. Para atingir esse objetivo, busca-se demonstrar como o rádio pode contribuir para o processo de ensino daqueles que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola. Os objetivos específicos incluem a análise da percepção dos não alfabetizados em relação ao cotidiano, considerando as informações recebidas via rádio, a identificação das áreas em que o rádio atua como um formador educacional mais proeminente e a compreensão da linguagem utilizada no rádio e como ela se adapta aos ouvintes.

Este estudo visa contribuir para a compreensão da importância do rádio como uma ferramenta educacional e comunicativa inclusiva, especialmente em contextos onde o analfabetismo funcional e a desigualdade de acesso à educação ainda persistem como desafios sociais significativos.

1.1 História do rádio no Brasil

O rádio é um meio de comunicação amplamente difundido, mantendo sua relevância, mesmo com o advento da televisão, dos serviços de *streaming* de música e das múltiplas opções de entretenimento moderno. Porém, a história do rádio é rica e repleta de avanços tecnológicos que o transformaram no que conhecemos hoje.

No final do século XIX, antes do nascimento oficial do rádio em 1896, diversas descobertas foram fundamentais para possibilitar a transmissão de som por ondas de rádio. Em 1888, Heinrich Hertz fez uma descoberta crucial ao verificar a existência de variações de corrente no ar, que são as ondas eletromagnéticas essenciais para a transmissão de voz, música e até imagens, sem a necessidade de fios.

O italiano Guglielmo Marconi (1874) é frequentemente associado à criação do rádio, tendo realizado a primeira transmissão sem fio no Canal da Mancha em 1899. Contudo, simultaneamente, o austríaco Nikola Tesla também aplicou os princípios de

Hertz para alcançar o mesmo objetivo. Curiosamente, em 1943, a Corte Americana reconheceu Tesla como o verdadeiro inventor do rádio.

Nesse período inicial, as transmissões por rádio se limitavam à telegrafia, e a transmissão de voz só se tornou viável em 1906, graças a um experimento de Lee de Forest, que introduziu a válvula de três elementos, possibilitando volumes sonoros adequados para a transmissão e recepção de som.

O papel do rádio se expandiu durante a Primeira Guerra Mundial, quando sua capacidade de comunicação a longas distâncias o tornou uma ferramenta valiosa nas batalhas. Isso impulsionou o aprimoramento do meio.

No Brasil, o rádio oficialmente começou a fazer parte da vida das pessoas na comemoração do centenário da Independência do país, em 7 de setembro de 1922. Nessa data, o presidente Epitácio Pessoa inaugurou as ondas de rádio, permitindo que sua fala fosse transmitida à distância, sem fios.

No entanto, existem indícios de que o Padre Roberto Landell de Moura, na cidade de Porto Alegre, tenha alcançado resultados semelhantes aos europeus três anos antes. Ele conseguiu realizar transmissões entre pontos na capital do Rio Grande do Sul. Com o tempo, o rádio se aprimorou e se popularizou, culminando em mais de 10 mil estações de rádio FM e AM ativas no Brasil, conforme dados do Ministério da Comunicação.

A história do rádio é uma narrativa de inovação tecnológica, competição entre inventores e a evolução de um meio de comunicação que continua a desempenhar um papel significativo na vida das pessoas em todo o mundo.

2. METODOLOGIA

E para desenvolver este trabalho foi utilizada como metodologia de pesquisa o estudo de caso qualitativo, na qual a interpretação por parte do pesquisador é fundamental para interpretar as questões abertas utilizadas como instrumentos de pesquisa. Assim, Pereira (2018) irá dizer:

Os métodos qualitativos são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo. Neles a coleta de dados muitas vezes ocorre por meio de entrevistas com questões abertas. Neste tipo de pesquisa algumas características, conforme Ludke e Andre (2013), são: 1) A pesquisa qualitativa, em geral, ocorre no ambiente

natural com coleta direta de dados e o pesquisador é o principal instrumento; 2) Os dados coletados são preferencialmente descritivos; 3) A preocupação do processo é predominante em relação à do produto; 4) O “significado” que as pessoas dão as coisas e a sua vida são focos de atenção para o pesquisador e, 5) A análise de dados e informações tende a seguir um processo indutivo. (Pereira,2018, p.67)

Portanto, serão utilizados como instrumentos de pesquisa entrevistas com perguntas semiestruturadas contendo cerca de 10 perguntas para cada entrevistado e posteriormente essas perguntas e respostas foram transcritas a fim de realizar e fazer análise dos dados levantados, identificando os resultados para o problema.

2.1 ENTREVISTAS

ERNESTINA DE JESUS RIBEIRO 86 anos, negra e analfabeta.

Eduardo: Então como é que é o teu nome? Bem certinho.

Ernestina: Ernestina de Jesus Ribeiro.

Eduardo: A senhora tem 86 anos, né?

Ernestina: Tu quer a entidade para ver?

Eduardo: Não, não, não precisa. Mais ou menos assim só para a gente saber, uns 86 anos mais ou menos, né? A senhora disse que não sabe ler nem escrever, né, dona Ernestina?

Ernestina: Nada, nada eu vi e conheci a aula quando meus fio foram na aula as três. Nada, Nada, Nada. E como é que eu era escrava eles plantavam cinco, seis bolsas de trigo, nós imendava três, quatro semana para coiê. Eu não usei nada, não gozei nada na minha vida, mais nada. Eu já falo franco aqui. Eu era só trabalha. Os domingo, os outros saiam e eu tinha que ir no galpão descascar mio para tratar dos porco.

Eduardo: A senhora era escrava então de uma de um povo lá do Rio Grande do Sul.

Ernestina: Dos Ganzella.

Eduardo: Olha só, né? Que história, né?

Ernestina: Eu chamava ele de pai e de mãe, mas não era respeitado de filha legítima. Aí é uma vez.

Eduardo: Eles prometeram e a tua mãe precisou dar a senhora para eles cuidar.

Ernestina: Da primeira filha dele, a menina mais velha faz 15 dia, fez domingo que eu proziei com ela. Ela mora Rio Grande lá. Perto Ciriaco. Para cá um pouco eu proziei com ela, ela disse um dia para a Lourdes minha fia, disse “Eu queria dar. O pai e a mãe nunca deram nada para Ernesta, de uma herança, uma lembrança, nada disse não, eu queria dar” ma só fala e não me deram.

Eduardo: E a tua mãe?

Ernestina: É morta.

Eduardo: E a tua mãe, mesmo o que aconteceu na época que a senhora não conseguiu ficar com a tua mãe legítima, mesmo.

Ernestina: Porque ela tinha oito fio e tudo ela deu. Fala bem franco. Eu não escondo nada. Nós somos oito irmãos, um casal eu não conheço, os outro ela deu tudo quando tinha uns dois anos, um ano e pouco, ela dava. Oito, tem dois. Aqueles dois que não conheço, não sei se ta vivo o resto é morto.

Eduardo: Que história, né? Eu não tinha escutado uma coisa assim, ainda.

Ernestina: A minha mãe ela me surrava como bater num bicho. Eu não tenho ideia boa, não sei fazer conta, não estudei nada. A mãe me pichando a laje lá fora. Louca, né? Eu já falo bem franca, uma mãe que não prestava né? Porque agora qualé que é a mãe... que eu criei três mas eu tenho amor nas três. Eu vou pinchar lá porque chora, porque estão doentes?

Eduardo: E como é que a senhora se sente, dona Ernestina sem saber ler o outro?

Ernestina: Mas eu sinto triste porque tinha hora que tinha vontade de saber ler. Rezar né o terço mas o resto não sei nada, nada.

Eduardo: desde a sua infância, então a senhora nunca teve uma oportunidade, né? De frequentar a escola, né?

Ernestina: Não, nunca, nunca.

Eduardo: Porque tinha que trabalhar, né?

Ernestina: Tinha que trabalhar. Eu tinha dez anos e eu era ponteira na roça lá, dez ano lavrando.

Eduardo: Lavrando. Cara.

Ernestina: Olha, tivesse o finado Dóro vivo. Se conheceu, o Dóro?

Eduardo: Acho que não.

Ernestina: Sim irmão do Jaco que morava no Pinhal, o Teodoro, ele ia contar bem o que é que eu passei no mundo com aqueles italiano lá, porque eles viviam perto. Só eles mesmo pra conta.

Eduardo: Que não é coisa. É uma história, né?

Ernestina: É história.

Eduardo: Qual que é a situação mais difícil para você que não saber ler? O que que a senhora tem mais dificuldade, que a senhora vai fazer assim alguma coisa e pensa “Eu podia fazer isso aqui se eu soubesse ler”.

Ernestina: Bem isso. Se soubesse ler? E eu fazia tanta coisa, não é? Vê, né?

Eduardo: Desde uma receita, alguma coisa assim?

Ernestina: Uma Receita pra fazer um bolo, alguma coisa. Ou a Bíblia lê.

Eduardo: Lê a Bíblia.

Ernestina: Uma reza na igreja, má vai lá lê, um próximo que não sabe nada, nada. E tudo isso eu passei as minhas.

Eduardo: E a senhora sentiu assim preconceito? Dona Ernestina, naquela época que tu era mais pequena pela cor e por não saber ler.

Ernestina: É eu sentia que as pessoas tinham preconceito. Eu ia na igreja, via tudo lendo lá, lia tudo e eu só olhando, né? Como que o padre falou lá no Rio Grande, disse quem agora mudou tudo, né? Desde os padre.

Eduardo: Sim.

Ernestina: Porque uma vez era tudo era mio e agora? Quem sabe lê, lê, lê a foia. Agora quem não sabe ler tem que responder o que sabe responder, né? Por que não tem, tem que saber ler. Oia tenho um netinho com oito anos ele sabe ler bem né por que ta na aula.

Eduardo: Qual? Qual que é o meio de comunicação que a senhora mais gosta? É a TV, ou o rádio?

Ernestina: Só Rádio porque a tv não tem, só o rádio, tv ele não quer. Eu gosto de assistir missa na Rádio, terço e o padre Reginaldo eu não perco, todo dia.

Eduardo: Que coisa bonita, cara. O rádio, então, é o companheiro.

Ernestina: Meu companheiro, mais agora que ele (marido) para mais em casa, porque não pode me deixar sozinha. Esses dias atrás me doeu esse joeio que eu fiz a cirurgia já faz uns quatro, cinco anos. Onde eu queria, caia é porque ele não tinha força o meu joeio né. E agora o joeio não dói mais. Me deu isso e por cima o amarelão preto.

Eduardo: Que coisa, né viu? E assim, nesse sentido, o rádio para a senhora foi o meio que substituiu a leitura praticamente. Porque a senhora consegue escutar o padre, a leitura da Bíblia, que ele faz o terço...

Ernestina: tudo... tudo...

Eduardo: O plantão policial escuta também ou não?

Ernestina: Estava escutando hoje.

Eduardo: Então, o rádio assim é uma forma de saber das notícias. E os recados?

Ernestina: Sim.

Eduardo: O que acontece, alguma coisa na saúde que precisa, tudo, você sabe ali pelo rádio, não é?

Ernestina: O rádio tu.

Eduardo: Tu vê que meio de comunicação importante que é o rádio, não é? Tem um programa de rádio que a senhora mais gosta assim que a senhora adora. É do padre Reginaldo mesmo?

Ernestina: Esse é meu companheiro

Eduardo: E para a senhora assim, qual é o papel do rádio na tua vida? O que que a senhora diz assim se não tivesse rádio ia ser difícil para mim. O que que é? O que que o rádio significa para a senhora?

Ernestina: Alegria pra gente, né? Porque assim, ter que se enterte escutando o padre escutando uma coisa, sabe da hora pra fazer o almoço.

Eduardo: A senhora gosta de alguma música?

Ernestina: Eu gosto de música sim. Uma vez eu ia nos idosos, e o doutor mandou que eu fosse, porque ele disse lá proseiam dão risada. Mesmo que não dança, ne. Mas tu enxerga se enterte. Ele disse se a senhora fica em casa e o velhinho sai, aí disse a senhora fica triste. Então é para mim sair.

Eduardo: Então o rádio é um baita de um companheiro. Se a senhora pudesse falar para as crianças mais novas, que às vezes tem oportunidade de estudar e que não levam a sério? O que a senhora poderia falar para eles? Um conselho que a senhora podia dar.

Ernestina: Sempre aconselhava meus neto, que estude que o estudo é tudo, né? Eu disse eu sempre falo o vô não teve estudo. A vó não teve estudo. A vó sofre. A vó não sabe fazer contas, vai num lugar logirão a gente, né? A vó não sabe nada, isso, nem fazer nada, né. Estude. Eu rezo para meus netinhos. Que ré que estude bem, hoje eu disse para o mais velho João Vitor estude João Vitor, porque ele não é da roça, ele não gosta de roça, de trabalhar. Então estuda.

Estuda, que vai, vai longe.

Eduardo: É isso aí. Então, hoje, conversando com a dona Ernestina.

Ernestina: Ernestina de Jesus Ribeiro. Assinatura do pai Não tenho. Falar bem, certo.

ANTONIA- 49 anos analfabeta.

Eduardo: Então hoje aqui a gente tá com a Antônia, né? Antônia quantos anos que você tem? Antônia?

Antonia: 49 anos?

Eduardo: Quantos filhos que a senhora tem? Cinco.

Eduardo: A senhora disse que a senhora não sabe ler nem escrever, né?

Antonia: Não sei.

Eduardo: Dona Antônia? Como é que a senhora se sente no mundo sem saber ler?

Antonia: Fica luin né, que le alguma coisa? Não tá pra gente não, a gente não sabe.

Eduardo: Então a senhora quer ler alguma coisa? Se sente com vergonha?

Antonia: A gente sente, né? Tem que mandar os fio dai ler, mandar as mensagens pro celular e pros filhos ler e mandar pra gente pra gente responde.

Eduardo: Desde a sua infância até a idade atual, já teve alguma oportunidade de frequentar a escola ou nunca teve oportunidade?

Antonia: Não.

Eduardo: Não teve. Por que que a senhora não teve chance?

Antonia: Não. Meu pai e minha mãe não parava em lugar nenhum. Não. É... Quer dizer, Chapecó, Santa Catarina e daí eles não paravam em lugar nenhum. E daí eles até faleceram cedo e nós trabalhava na roça com eles.

Eduardo: Era só o trabalho na roça e não tinha como estudar?

Antonia: Não tinha, não. Entendeu? Sempre andando.

Eduardo: E sempre andando, trabalhando pesado e no firme mesmo. Que coisa, né? Então, isso foi uma das principais coisas que motivou a senhora a não estudar. E não pôde ler. O que que mais te prejudica em não poder ler?

Antonia: Ah, eu precisava fazer aquela coisa, mas eu não sei ler, Eu não consigo fazer. Eu precisava fazer um doce para ele e uma receita que sempre tinha um vídeo pelo celular pra gente escutar, para ver como que é pra escutar.

Eduardo: Olha só como é que é, né? Tem que escutar e ouvir para poder conseguir.

Antônia: Para conseguir fazer. Porque senão não consegue.

Eduardo: É difícil, né? Se parar bem pra analisar é bem difícil. Você sente preconceito das pessoas quando assim você diz “ah, eu não sei ler”. Você sente que as pessoas fazem distinção da senhora. Por exemplo, fazem pouco da senhora?

Antonia: Não. É... mas agora até a gente tem bastante amigo. Tudo se dá, né?

Eduardo: A senhora então não sente isso. A leitura ela proporciona a todo mundo, né? Saber histórias, notícias, qual meio de comunicação que substitui a leitura para a senhora? Qual que é o melhor meio de comunicação hoje? É a TV, O rádio, o que a senhora mais gosta?

Antonia: A TV, O rádio, O celular, A gente manda o áudio, né?

Eduardo: Áudio pelo WhatsApp ali para poder comunicar, né? Uhum, que legal, que bom! É... eu vou te pedir aqui. Durante a sua vida, o rádio foi uma forma de saber das notícias e recados.

Antonia: Foi.

Eduardo: Qual a importância do rádio para a senhora nesse sentido?

Antonia: Para os recados do município, né? Como tá a saúde.

Eduardo: Tudo o que precisa?

Antonia: As veis a leunião, dos alunos, dos filhos, agora tem os netos. Os filho tão, tudo casado.

E assim, por exemplo, também as notícias fora do município. A senhora escuta pelo rádio?

Antonia: O plantão policial.

Eduardo: Você tem um programa de rádio favorito? Qual é?

Antonia: É o programa do Helio, é o plantão, é o plantão policial. E e o, tu, maninho, no final, de semana.

Eduardo: Gosta também do programa do Maninho. Que show!

Eduardo: E qual que é a contribuição? O papel do rádio na sua vida? O rádio para a senhora? Qual é a importância do rádio para você?

Antonia: Escuta as notícia, né?

Eduardo: Escutar as notícias? Ficar informado. Ele também é um companheiro, às vezes. Ou, não é?

Antonia: É alegria, Gente dentro de casa.

Eduardo: Que legal, né?

Antonia e Aristides: A televisão só tem de noite. Na novela e coisa, né? O mais é o rádio mesmo, mais o rádio fica mesmo o dia inteiro. Eu tô em casa e fica o dia inteiro, só que não tem a luz mesmo pra ficar.

Eduardo: Que legal! E uma música que a senhora gosta, uma música que a senhora gosta que a senhora escuta desde a infância?

Antonia: Desde pequena eu gosto muito do amado Batista.

Eduardo: Amado Batista. Todas as músicas dele acho que todo mundo gosta né. Eu também gosto muito do amado Batista, a Amado Batista.

Eduardo: Bah, que legal, cara! Se fosse a senhora, né? Depois eu vou. Até vou pedir para o seu Aristides, mas se fosse para a senhora passar um recado, por exemplo para os teus netos, para aquelas pessoas que hoje tem oportunidade de estudar, que o ônibus

hoje passa na frente da casa, e que tem tudo. O que a senhora diria para essas pessoas que tem oportunidade, mas que às vezes não leva a sério?

Antonia: E o melhor da vida da gente é o estudo, é o estudo. Tem que ter estudo.

Eduardo: Porque a senhora só sofreu bastante, e sofre bastante não é?.

Antonia: Meus fio, graças a Deus está tudo criado.

Eduardo: Mas se tivesse estudo, se a senhora tivesse estudo poderia estar. Melhor né? E o estudo é tudo, né? É tudo. Que legal então saber disso? O estudo é uma forma, vamos dizer assim, de viver de novo, não é?

Antonia: De novo, é verdade.

ARISTIDES - 63 anos negro, analfabeto.

Eduardo: Estou hoje falando com o senhor Aristides, este esposo da dona Antoninha Quantos anos que o senhor tem?

Aristides: 63.

Eduardo: 63 anos? Tem cinco filhos, né?

Aristides: Cinco. Eu vou fazer 64. Dia 5 de fevereiro do ano que vem, já no virar do ano.

Eduardo: Opa, que beleza! Vai ter um festão, então?

Aristides: Mas esse aí sempre eu, sempre. Nós fizemos aí uma cerveja, uma carne.

Eduardo: Sempre tem que ter, né?

Aristides: Aí fio vem tudo, né? Vem tudo.

Eduardo: Ah, que beleza, né? Que família é tudo, né? Como que o senhor se sente no mundo, seu Aristides? Sem saber ler.

Aristides: Mas home tu vai dizer que é brabo não é, porque dai tu acostumou desse tipo. Eu digo assim pra você, tudo maravilha, né? Aham.

Eduardo: Mas o senhor sente falta?

Aristides: Falta que Deus livre né... de não saber ler, né cara? Muitas coisas, né? Fazer o quê?

Eduardo: Fica sem. Sem ter o que? O que fazer, né? Muitas vezes, desde a sua infância até sua idade atual, o senhor já teve alguma oportunidade de ler, de ir pra escola, de aprender e ler?

Aristides: Eu tive, mas não consegui aprender nada.

Eduardo: E o que que aconteceu que o senhor não conseguiu aprender?

Aristides: Ah, eu pra mim eu acho que o professor é muito brabo, que eu fui uma vez na arta alegre ali, né? Eu me lembro que nois ia, era pequeno e tudo quanto é coisa chegava lá o bicho velho, ele quando não levava uma espiga de milho dentro da mochila para botar você de joelho, né? Era grão de feijão, uma coisa ou outra, né? E ali, tudo chegava, tinha que chegar bem limpo de manhã cedo na aula, tu tava sujo pois ele tinha um vizinho que já tinha arrumado a água, ele levava lá e facilitava e a régua na mão, mandava tu botar a mão em cima da classe (carteira) assim, né, para ver se estava com as mãos sujas, as unhas sujas, quando tu nem pensava com força dava aquela régua. Daí eu pus quantas vezes chegar em casa chorando, eu dizia pro meu pai já morto, minha mãe também e eu dizia vai, vai com uma hora dessa, eu não vou na escola, eu só vou, mas não vou lá mais. O finado meu pai pediu, mas daí meu FIO O que tá acontecendo, chega lá o professor passar revista. A primeira coisa é uma régua no dedo na mão, é um puxão de orelha que ele dá e quando não leva nada, na casa do outro pra se lavar. Até que o pai veio brabo um dia lá, até que o professor disse mas essa pia ta mentindo, disse mentiroso, eu disse aqui não tem mentiras não se não eu não trazia o pai junto. Eu disse agora tu pode confessar o de que jeito nois bota a mão aí para você olhar, eu falei pra ele. "Não acredito". Eu fui em cima da classe (carteira), botei a mão assim, eu disse "Não é assim que tu manda nois fazer". E daí com a regua tu, tu dá no dedo, se ta a ca zunha suja ou a mão suja, tu manda virar a mão, dai tu manda botar assim com tu nem esperar... quando não é na orelha.

Eduardo: Que coisa, né? Não tinha carinho nenhum o professor.

Aristides: Eu acho que é por isso, que eu tinha oportunidade de aprender. Eu tinha até hoje muita coisa.

Eduardo: Capaz, cara, olha que coisa, né? Quais as situações do dia a dia para o senhor mais difícil, seu Aristide, quando o senhor não sabe ler? Por exemplo, na tua atividade diária na agricultura, né? É até, sei lá, qualquer coisa que o senhor faça assim o senhor olha, bah, se eu soubesse ler, eu conseguiria fazer aquilo ali.

Aristides: Mas e o pior que é assim como eu não sei ler, não entendo. Daí tem que pegar e pagar pra fazer, né?

Eduardo: Às vezes até distinguir um remédio do outro pra, por exemplo, vacinar uma vaca, né? Não consegue, né? Porque ele não consegue ler ali tu não sabes o que que tu tá dando pra vaca.

Aristides: Mas oia eu entendo o negócio da vacina, se eu vou comprar quantas vezes eu tomei, mas eu também não pedi para os outro vacinar.

Eduardo: O senhor mesmo que faz?

Eduardo: E o senhor sente preconceito das pessoas que quando o senhor diz assim eu não sei ler, sente se que as pessoas te olham torto?

Aristides: Não, até que não. Eu dou risada, né? Eu dou risada, eu disse não é... Pode dar risada, eu tô dizendo, é sério mesmo. Mas eu não sei, não sei mesmo. Não sei como é que eu sei fazer meu nome, porque eu fui nessa escola, ela também aprendeu fazer o nome dela é muito pouco, porque ela aprendeu a ler nessa escola (antigo EJA).

Eduardo: E durante a sua vida o que rádio contribui para o senhor? O senhor disse antes que o rádio o senhor liga já de manhã cedo, faz o chimarrão e rádio velho, né?

Aristides: Pra mim o rádio é uma alegria para mim. Cara que eu vo ali escuta, e se eu ver no rádio que não tem uma música que eu quero eu boto na outra e eu ai vai.

Eduardo: É a alegria do dia a dia, é o companheiro mesmo.

Aristides: O rádio, o meu companheiro. Não fico sem ele.

Eduardo: Então é o meio de comunicação que o senhor mais gosta. É o rádio?

Aristides: É o rádio. É ali tu escuta uma música, ele dá um recado lá do outro estado da do teu e fica sabendo de tudo, Fica sabendo de.

Eduardo: Tu viu como o rádio é importante, né?

Aristides: Não, eu sem rádio desde pia que eu não fiquei, depois que eu vim pra cá comprei esse aparelho de som é de duas caixas grande e tão lá em cima na estante. Então isso aí, sabe o que é... daí a luz, eu falei pra ela que quero comprar um que seja a pilha também que quando falta luz, porque daí, tem né.

Eduardo: Tem um programa de rádio favorito que o senhor mais gosta?

Aristides: De manhã cedo? Eu até falar a verdade na rádio, é na rádia de Pranchita, o Briago e daí ele fica até às oito e pouco, o programa é das seis às oito, né? Ai depois que ele passa primeiro, daí vem pra Ampere, daí na ampere fica.

Eduardo: Então pro senhor? O rádio é alegria.

Aristides: O rádio para mim é... Deusulivre, o rádio para mim é tudo, o rádio.

Eduardo: Gosta de uma música? Qual que é a música que te faz lembrar tua infância?

Aristides: Mas eu vou te dizer mesmo, deu tudo quanto é tipo de música, eu gosto mais é de música gaúcha.

Eduardo: E qual é o seu recado para essa, essa criançada, para essa piizada que tem oportunidade de estudar, que às vezes não leva a sério o que o senhor diria para eles?

Aristides: Eu sempre falei para eles, e falei para os pais deles, o que tu tem que dar para eles é o estudo e mais nada. Do jeito que nós temos, chega eu que sou burro, falei para eles, que não sei ler né.

Eduardo: Para o senhor estudo é tudo

Aristides: Eu disse vocês vão ter que dar o estudo para eles e graças a Deus, tudo, meus netos, tudo eles estudam. O único que não tá aprendendo nada, e que não tem nada é só o nenenzinho pequenininho mas o resto tão tudo na aula.

Eduardo: É isso aí. Mas valeu. Então, muito obrigado. Muito bom.

NERCI BITENCOURT – negra,

idade não identificada.

Eduardo: Então hoje estou conversando a dona Nerci Bittencourt, né, Dona Nerci? É Dona Nerci... E quantos anos a senhora tem hoje?

Nerci: Tenho a entidade.

Eduardo: A senhora não lembra a idade, não tem problema.

Nerci: Faço aniversário dia 10 de março.

Eduardo: Quantos filhos que a senhora tem?

Nerci: Quatro.

Eduardo: A senhora sempre morou aqui no pinhal, na Nova Bélgica, né?

Nerci: Sim, sempre. Aham.

Eduardo: E agora tá morando aqui no Pinhal de São Bento?

Nerci: Sim.

Eduardo: E a dona Nelci é. Se diz analfabeta, né, dona Nelci?

Nerci: Sim.

Eduardo: Eu pedindo aqui pra senhora. Como é que a senhora se sente sem saber ler? O que a senhora sente quando tu não consegues ler?

Nerci: Oia o que eu vou te falar a verdade eu sinto com vergonha. Vergonha de eu não saber ler, né? Às vezes as pessoas perguntam tu não foi na aula? Aquele tempo que nós ia na aula? Ti falar bem a verdade, nós ia, nós era tudo caveirinha. Assim nós íamos a maior parte pra fazer bagunça.

Eduardo: A então a senhora tem essa questão aí da vergonha. E a senhora já teve alguma oportunidade de frequentar a escola Dona Nelci? Ou não?

Nerci: Eu fui uma vez, pois fui. Uma vez eu fui, mas minha ideia não me ajudou.

Eduardo: o que é mais difícil para você assim, no dia a dia? por exemplo, nas tuas tarefas diárias, é não saber ler o que tu sentes mais dificuldade é ler alguma coisa, desde um rótulo de alguma coisa, um remédio. O que que a senhora sente mais dificuldade?

Nerci: Isso mesmo, eu sinto, porque eu não sei.

Eduardo: Pra tomar um remédio por exemplo. A senhora não tem as vezes nem coragem de tomar por não saber ler?

Nerci: Nem coragem. Porque os meu fio, tem que vir ali deixar explicado para mim, né? Como é que toma? Como é que não toma?

Eduardo: Para comprar alguma coisa no mercado. A senhora consegue assim, olhando nas embalagens, como que faz?

Nerci: Nada. Não, não. Daí é o filho. A filha, no caso, né? É o filho ou a filha tem de ta junto comigo? Eu não. Nem vê se eu compro as vezes coisa vencida. Nada, nada, nada.

Eduardo: Ah, isso também não. Olha só, né? A senhora, vê que as pessoas tem preconceito, por tu não sabe ler? Fazendo pouco caso.

Nerci: Isso mesmo. Tem gente que faz isso.

Eduardo: Isso é triste, né? Demais.

Nerci: É assim mesmo. Por isso que eu digo oia.

Eduardo: Que coisa, né? E a leitura? Ela proporciona às pessoas saber de histórias, notícias, qual o meio de comunicação que substitui a leitura nesse sentido para ti? Qual que é o meio de comunicação que a senhora mais assim se sente à vontade de ouvir. É a TV, ou o rádio?

Nerci: Mais oia é o que eu gosto mais de assisti no rádio mesmo é o prantão policial. Que passa na rádio, né?

Eduardo: Olha só que legal.

Nerci: Daí eu fico prestando atenção, né?

Eduardo: Aham, que bacana, hein?

Nerci: É assim.

Eduardo: Durante a sua vida, o rádio já foi uma forma de saber ler as notícias, por exemplo, que o rádio a gente escuta, né? Quando não consegue ler, a gente tem de ouvir. E a senhora ali conseguia como se fosse ler no rádio, né?

Nerci: É como se fosse eu ler lá no rádio.

Eduardo: E tu tens um programa de rádio favorito? Qual é? É esse plantão policial? Ou tem outro que a senhora gosta?

Nerci: Ain aquele programa do maninho veiz no domingo, né?

Eduardo: Aham. O Alô Pinhal, né? Que show de bola. O que o rádio representa para você? O que? Que ele é para você?

Nerci: Ai é que eu me sinto assim, fico sozinha, daí eu ligo, o rádio me desaparece,

Eduardo: Daí não se sente uma solidão.

Nerci: Daí eu não me sinto muito ali, eu fico ali, escutando, ouvindo, né? Aham é assim.

Eduardo: É como se fosse um companheiro, é.

Nerci: Como se fosse um companheiro. Tá ali tomando chimarrão, né?

Eduardo: E o locutor que tá lá do outro lado. Ele é como se fosse da casa.

Nerci: Como se fosse na casa, o rádio para mim.

Eduardo: Que bacana isso. Entendi. Que bacana, cara! A senhora gosta de música? Tem alguma música que lembra a tua infância, dona Nercy? Uma música assim especial que a senhora gosta.

Nerci: Oia, quando eu tava sorteira que eu era sorteira, eu gostava muito aquela música rosa branca, né?

Eduardo: Ah, sim. Rosa, branca, rosa, amarela. Essa é boa mesmo.

Nerci: Essa é.

Eduardo: Boa. Que legal! E se a senhora pudesse falar para as crianças, para os adolescentes, para os jovens, o que que a senhora ia dizer para eles quanto ao estudo? O que que a senhora ia dar de conselho para eles? Porque hoje tu sabes que a piasada não leva muito a sério, né? E às vezes tem oportunidade.

Nerci: É isso que eu falei para os meus dois netos que eu tenho, né? Eu falei “meus fio vocês pegam estudo, porque a tua avó não tem estudo, do conseio pra eles estuda. Do tempo que nois ia na aula, nois não tinha um chinelo. Nois botava uma cachopa de paia de mio no pé. No tempo de inverno nois amarrava aquela cachopa de paia de mio assim nossa, nois ia na escola com aquela sacolinha de arroz, sabe? Era a nossa sacola que nois tinha.

Eduardo: Nossa mãe, não tinha um calçado assim?

Nerci: Nós, nós se cremos nessa época assim, Se a minha mãe fosse viva hoje, ela te contava.

Eduardo: Olha a dificuldade.

Nerci: Passamo miséria! Nois levava batata assada no colégio porque nois não tinha. A Aqueles pão puro de farinha de mio, aqueles pão que não tinha nem mistura com a farinha de trigo. Os outros faziam pouco, pouco caso de nois daí? Daí que nois não ia pra sala de aula. Nois se atentava.

Eduardo: Vocês sentiam o preconceito por causa que vocês eram pobre.

Nerci: Que nós era pobre, ai ficava escondido. Nois chegava em casa na mentira. Na hora de vir pra casa nois vinha, mas nós não entrava na sala de aula. Isso aí nois passamo e conto que eu passei que que eu acho que é isso que nós não aprendemos.

Eduardo: Hoje tu vê, que hoje a piazada tem de tudo e não dão valor.

Nerci: E não dão valor. E é o que eu digo pros meus neto, estudo que hoje vocês tem tudo.

2.2 O analfabetismo e a utilização do rádio como meio de comunicação

O índice de analfabetismo no Brasil é alarmante, uma condição que segundo pesquisa realizada pelo IBGE em 2022 abrange mais de 11 milhões de indivíduos com mais de 15 anos de idade que não conseguem ler ou escrever. São dados conforme apresentado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no início de junho de 2023, essa situação representa um obstáculo significativo para o alcance da meta do Plano Nacional de Educação (PNE) de eliminar o analfabetismo até 2024.

Contudo, é importante ressaltar que esta situação se deve a sistemas educacionais arcaicos, carentes de inovação, que limitavam e ainda limitam a criatividade dos alunos, leva à insegurança e principalmente a insatisfação pessoal. Ainda hoje muitos dos estudantes, carregam um sentimento de desilusão e desmotivação, abandonam a escola, convencidos de que a educação não vale a pena, e questionam a sua própria capacidade, perante aos demais.

E essa problemática é consequência de uma série de desigualdades que são históricas, do Brasil colônia, até os dias atuais.

Escolarizar todos os homens era condição de converter os servos em cidadãos, era condição de que esses cidadãos participassem do processo político, e, participando do processo político, eles consolidariam a ordem democrática, democracia burguesa, é óbvio, mas o papel político da escola estava aí muito claro. A escola era proposta como condição para a consolidação da ordem democrática. (SAVIANI, 1999 p.)

Partindo deste pensamento, fica claro que Saviani (1999) entende que o analfabetismo é um aliado na busca por perpetuação de poder, haja visto que pessoas não possuíntes de habilidades como leitura e escrita criam para si barreiras para participar de forma ativa na vida cívica e social, como exercer o direito ao voto ou compreender as políticas governamentais. Essa dificuldade pode resultar na exclusão destes no processo democrático, contribuindo assim para a concentração de poder nas mãos de uma minoria.

Paulo Freire (1997) também possui uma mesma vertente de pensamento onde conclui o analfabetismo como uma impotência. “Descobri que o analfabetismo era uma castração dos homens e das mulheres, uma proibição que a sociedade organizada impunha às classes populares”. (PAULO FREIRE, 1997)

Na citação de Paulo Freire, evidencia-se a ideia de que o analfabetismo não se restringe apenas à falta de habilidades de leitura e escrita, mas representa uma manifestação da desigualdade social e da dominação exercida pelas elites educadas sobre as classes populares. O patrono da educação em seus escritos revela que a alfabetização significa empoderamento, capacita as pessoas e as desenvolve plenamente para ultrapassar os desafios cotidianos em nossa sociedade, pois interpretar o contexto além de contribuir na defesa dos seus próprios direitos alerta para os deveres de cada cidadão seja ele letrado ou não.

Assim sendo a educação é essencial na busca da erradicação da opressão e na promoção de justiça social. Pois possibilita que pessoas se tornem agentes de transformação em suas próprias vidas e em suas comunidades, capacitando-as a desafiar as estruturas mandatórias afim de contribuir para uma sociedade mais equitativa.

Neste ponto o aparelho radiofônico entra como um alicerce de subsistência aos que tem fome de saber, isto se revela na facilidade que o meio tem para transpassar barreiras físicas e distancias. Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) além de estabelecer a pioneira Rádio Sociedade do Rio de Janeiro em 1923, é reconhecido como o precursor do rádio educativo. Esse renomado professor, médico e antropólogo desempenhou um papel fundamental na promoção do rádio como meio de educação concentrando-se especialmente no considerável contingente de analfabetos existente no país naquela época.

A rádio é a escola dos que não têm escola. É o jornal de quem não sabe ler. É o mestre de quem não pode ir à escola. É o divertimento gratuito do pobre. É o animador de novas esperanças. O consolador dos enfermos e o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado. (TAVARES, 1999, p.8).

Roquette Pinto defende o rádio não como mero transmissor de informação e opinião, mas destaca que o mesmo desempenha um papel educativo importante para aqueles que não possuem acesso à educação. Usando da comunicação por ondas

magnéticas e a transformando em um meio de aprendizado para aqueles que estão fora do ambiente escolar. O autor ainda destaca o rádio como “animador de novas esperanças” um agente transformador de vidas que de forma indireta, é inspiração e gerador de nova perspectiva de futuro.

Mesmo sendo um veículo de comunicação com grande abertura para o mundo, a história do rádio educador e sua ascensão se deu para os mais favorecidos da época, é de acordo com o que conta Lia Calabre (2002) em seu livro “A era do Rádio”.

O rádio foi lançado no Brasil por um grupo de intelectuais que via no veículo a possibilidade de elevar o nível cultural do país. Edgar Roquette Pinto era médico e antropólogo, e foi membro da Academia Brasileira de Ciências, da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Letras, sendo ainda o fundador do Instituto Nacional de Cinema Educativo. O companheiro de Roquette Pinto na empreitada da Rádio Sociedade, Henrique Morize, era presidente da Academia Brasileira de Ciência, ambos viam no rádio a saída para o que denominavam “os males culturais do país”, os pioneiros foram acompanhados por alguns intelectuais que iam à emissora proferir palestras, conceder entrevistas, sempre em prol da causa do aprimoramento do nível cultural do país. Esse rádio da década de 1920, com uma programação intelectualizada e de preços altos, terminava sendo ouvido pelo mesmo grupo que o produzia, ou seja, era um veículo de comunicação ligado as camadas altas da população. (LIA CALABRE, 2002 p.21)

Em suma Lia Calabre (2002) destaca que o Rádio por ser uma invenção tecnológica em sua fase inicial era um meio de comunicação caro, sendo limitado a um público privilegiado economicamente. As empresas que detinham concessão eram controladas por pessoas que possuíam poder político e aquisitivo. A proposta de expandir cultura e educação no país no primeiro momento falhou por ser um meio de difícil acesso financeiro e intelectual. Assim sendo a voz transportada por ondas magnéticas chegava a um grupo reduzido de pessoas.

O rádio começou a se popularizar no país junto com o avanço tecnológico entre os anos de 1930 e 1940, proporcionando a produção mais barata do aparelho. Isso fez com que o rádio ficasse mais acessível ao bolso dos brasileiros de classes inferiores. Além disso, a legislação flexibilizada deu maior estabilidade ao setor. Este conjunto proporcionou ao rádio maior investimento de empresas que tinham o interesse em publicizar suas marcas, engrenando carreiras de artistas importantes na história da cultura brasileira e trazendo mais investimento e programação as suas grades.

O autor Luiz Otavio Correa em seu artigo “O futebol e o rádio: audição coletiva, redes nacionais e o esporte na Inconfidência”, destaca a importância do Rádio para que

o futebol se tornasse o esporte popular do Brasil, a era de ouro do rádio se confunde com a ascensão do futebol brasileiro e da seleção nacional.

Nas décadas de 1930, 1940 e até mais, nos anos de 1950 e 1960, o rádio funcionou como um aglutinador das festas urbanas, interferindo veementemente nas relações de sociabilidade no espaço urbano ou conectando o mundo rural à urbanidade. O rádio também estava, portanto, direta e indiretamente no espaço público e sua linguagem oralizada, “esquentava” essa sociabilidade nas camadas mais pobres da população, nos mundos de trabalho e nos espaços de lazer. Em relação ao futebol, as nossas fontes indicaram que podemos entender a sua construção como representação da nacionalidade na sua relação entrelaçada com o rádio, bem como o crescente processo de popularização desse esporte no Brasil. (LUIZ OTÁVIO CORREA, 2021 p.15).

O autor destaca que a integração do rádio e do futebol no Brasil não apenas consolidou o esporte como parte essencial da cultura, mas também destacou o rádio como um veículo influente na construção e disseminação de valores culturais e sociais. Essa relação continua a desempenhar um papel fundamental na sociedade brasileira.

A popularização do rádio, foi determinante para uma formação cultural nacional, onde constituiu-se o Brasil como conhecemos, sendo propagador das novas ideias. Porém é importante destacar que a linguagem no rádio é crucial para o sucesso do meio de comunicação, é o que traz impacto direto no que diz respeito a experiência do ouvinte. Um exemplo é a linguagem regional que se transforma em um gatilho de pertencimento ao público ouvinte, um aspecto essencial para a manutenção do interesse público. Além é claro de fatores como que vão além como a credibilidade e a confiança do ouvinte.

Os relatos apresentados neste trabalho traduzem a desigualdade social brasileira e a relação com o analfabetismo, as pessoas entrevistadas foram repelidas do processo educativo, afastando-as de oportunidades o que produziu exclusões sociais. Em quatro relatos evidencia-se a relação financeira como o causador do não letramento, indivíduos que de acordo com entrevista destacam a necessidade de mesmo na infância trabalhar no serviço braçal em prol do sustento familiar, trocando a caneta e o papel pela foice e arado.

Segundo o autor Peres (2010) em seu artigo Velhice e analfabetismo, uma relação paradoxal: a exclusão educacional em contextos rurais da região Nordeste a educação chega acidentada neste meio.

O meio rural pode ser, assim, definido como uma tradicional “área de exclusão”, onde o sistema capitalista mantém formas arcaicas e extremadas de exploração da classe trabalhadora, com o desrespeito, até mesmo, aos direitos socialmente

instituídos (dentre eles, o direito à educação, à saúde e à CLT, por exemplo), configurando uma “questão social agrária” bastante problemática. (PERES, 2010 p 9).

O autor destaca o meio rural como uma "área de exclusão" onde o sistema capitalista mantém formas antigas e extremas de exploração da classe trabalhadora. Essa exploração inclui desrespeito aos direitos socialmente estabelecidos, como educação, saúde e direitos trabalhistas. Essa análise sugere condições precárias e destaca a necessidade de atenção e intervenção para promover mudanças positivas no meio rural.

Diante das entrevistas realizadas, pode se notar o papel do Rádio não só como um educador, informador, mas principalmente um companheiro na luta diária pela sobrevivência. Os autores Hartmann e Mueller defendem em seu livro “A comunicação pelo microfone.”

O rádio pode ser também uma porta de evasão, de alívio para a enxurrada de problemas sociais, familiares e conjugais que o ouvinte enfrenta no seu dia-a-dia. A programação radiofônica não deve ser um veículo alienador, que fuja dos problemas, mas que alivie, renove as energias do radiouvinte para animá-lo a retomar a solução dos mesmos. Assim, o humor é um aliado para ver a realidade com outra ótica, não deixando o ouvinte mergulhar na tristeza, melancolia, desânimo e depressão. (1998, p.85)

Essa abordagem sugere uma visão do rádio não apenas como um meio de entretenimento, mas também como uma fonte de apoio emocional e psicológico, oferecendo aos ouvintes uma pausa positiva em meio aos desafios diários

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A obrigatoriedade da educação básica é um acontecimento recente no Brasil, tendo em vista que apenas em 1988 com a promulgação da Constituição Federal em vigor que todos passam a ter direito a educação. Com isso, o número de analfabetos no país ainda é muito grande como dito anteriormente que mais de 11 milhões de pessoas acima de 15 anos não sabem ler nem escrever e o número aumenta quando se fala em analfabetismo funcional chegando em 29% da população.

Todavia, diversos são os fatores que contribuem para que esses números sejam tão altos, como é o caso da permanência da educação tradicional que ainda impera em diversas escolas e na mentalidade de alguns professores, o que faz com que crianças e adolescentes se sintam desmotivados e sem propósito para continuar sua escolaridade.

Assim, de acordo com a entrevista realizada com pessoas analfabetas de Pinhal de São Bento foi possível perceber o quanto a falta de escolaridade é um obstáculo em suas vidas e o que mais sentem falta em não saberem ler e escrever é de que não conseguem fazer uma receita culinária e também não conseguem identificar remédios e ler a Bíblia.

Quando questionados sobre qual o meio de comunicação que mais utilizam, estes foram unânimes em dizer que o rádio faz parte de suas rotinas, seja pelos programas de plantões policiais como também programas de orações, desse modo, o rádio se torna um companheiro em trazer notícias e informar o povo sobre os mais diversos assuntos.

Essas mesmas pessoas relataram a importância dos rádios para que possam ouvir músicas e alegrar seus dias, mesmo com outros meios de comunicação como a televisão, o celular o rádio está presente em todas as casas com o intuito de entreter e contribuir para que essas pessoas não alfabetizadas tenham uma companhia em meio a momentos de solidão.

Essas pessoas ainda relataram a importância da educação e de saber ler nos dias atuais e ainda disseram que incentivaram seus filhos e netos a estudarem, ou seja, essas pessoas percebem a necessidade que a falta de estudo causa na vida das pessoas. E com isso vale a pena citar Lispector (1978)

Então (...) ela teve pela primeira vez na vida uma coisa a mais preciosa: a solidão. Tinha um quarto só para ela. Mal acreditava que usufruía o espaço. E nem uma palavra era ouvida. Então dançou num ato de absoluta coragem, pois a tia não a entenderia. Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e! Usufruí de tudo, da arduamente conseguida solidão, do rádio de pilha tocando o mais alto possível, da vastidão do quarto sem as Marias. (LISPECTOR, 1978:51)

Neste trecho é possível perceber o quanto o rádio é importante na vida das pessoas e o quanto ele pode tornar a vida mais alegre, tirando-as da solidão mesmo estando sozinhas

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho mostrou a importância do rádio como meio de comunicação na vida de pessoas analfabetas do município de Pinhal de São Bento, o quanto ele faz

a diferença para que essas pessoas tenham acesso à informação e acesso a alegria e ao entretenimento em seu cotidiano.

Sua finalidade foi apresentar um breve histórico sobre o nascimento do rádio assim como relatar informações sobre o analfabetismo no Brasil entrelaçando a importância do rádio na vida de pessoas analfabetas.

Proporcionou ainda conhecer histórias incríveis de pessoas de Pinhal de São Bento que não tiveram a oportunidade de estudar, seja por não ter a devida oportunidade ou por estarem desmotivados devido as metodologias severas e professores autoritários.

O artigo também foi capaz de identificar quais as maiores contribuições do rádio na vida das pessoas analfabetas tendo em vista que o rádio é capaz de deixá-las informadas e alegrar seus dias.

Portanto, foi possível perceber o quanto essas pessoas incentivam os estudos e sentem falta por não terem tido a oportunidade de estudar quando jovens e assim motivam todos a estudar e a buscar ler e escrever, e mesmo sem estudos veem na educação uma maneira de transpassar barreiras papel esse que o rádio fez em suas vidas.

5. BIBLIOGRAFIA

CALABRE, Lia. **A Era do rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002

CORREA, L. O. **O futebol e o rádio**: audição coletiva, redes nacionais e o esporte na Inconfidência. *Cadernos de História*, v. 22, n. 37, p. 334-352, 6 dez. 2021.

FREIRE, PAULO. **“ISTO É PAULO FREIRE.”** *COTIDIANO*, FOLHA DE SÃO PAULO, 3 May 1997, www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/5/03/cotidiano/16.html. Acesso 22 novembro 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2022). "Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste". Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de->

noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste. Acesso em: 02 nov 2023.

HARTMANN, Jorge, and Néelson Mueller. "**A comunicação pelo microfone.**" Rio de Janeiro: Editora Vozes (1998).

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978, 3ª edição.

PEREIRA, Adriana Soares et al. **METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA.** 1ºed. Santa Maria – RS. 2018. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 25 nov 2023.

PERES, M. A. DE C. **Velhice e analfabetismo, uma relação paradoxal:** a exclusão educacional em contextos rurais da região Nordeste. *Sociedade e Estado*, v. 26, n. 3, p. 631–662, set. 2011.

SAVIANI, D. **Escola e democracia:** teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1999.

TAVARES, Reynaldo. **Histórias que o rádio não contou:** do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil. 2ªed. Ed. Harbra, 1999.